

COMPRA

Azulejos

Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redação: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Literarios: LUIZ CEROLA, J. PACIFICO E ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO E J. BASTOS
 Musicos: ALFREDO MANTUA E FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º LISBOA

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Sabbado 21 de Setembro de 1907

CONDICÕES D'ASSIGNATURA
 (Pagamento adiantado)
 LISBOA E PROVINCIAS
 Serie de 15 numeros..... 300 rs.
 Colonias..... 400 „
 Brazil..... 900 „

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

OS NOSSOS

J. C.

Aos nossos prezados collegas, a quem enviamos o "Azulejos", esperamos merecer a honra da permuta agradecendo-lhes, desde já, quaesquer palavras de referencia.



A's pessoas a quem enviamos o nosso Semanario pedimos a fineza da devolução, caso não queiramos honrar-nos com a sua assignatura.

Velhos, Triste Vuurinha,
 Rosa Engeitada e outras mais!...
 Obra immensa, tecidinha
 De bondade e madrigaes.

COSTA JUNIOR

Doenças dos Olhos

R. Nova do Almada, 64, 1.º-Da 1 ás 5 da tarde

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clínica Geral—Partos

R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 ás 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA

MEDICO CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 ás 11

ADELAIDE CABETTE

MEDICA

DOENÇAS UTERINAS

R. da Prata, 153, 2.º

Consultas ás 2 da tarde

A. Marques Antunes

ALFAYATE

Fazendas nacionaes e estrangeiras

Fatos á paizana e á militar

275, Rua Augusta, 1.º D.—1.ª casa vindo do Rocio á direita.

CINEMATOGRAFICOS

Vendem-se e alugam-se machinas, fitas e demais pertences. Para tratar: E. CUSTODIO.

Rua do Bomfuzo, 110—LISBOA.

Francisco Gonçalves dos Santos

TABACARIA E PAPELARIA

Vinhos, licores e cervejas de todas as qualidades, sem augmentos de preços.

Passagem pelos corredores dos camarotes de 1.º ordem do Theatro do Principe Real

RUA FERNANDES DA FONSECA, 41

LISBOA

JOAQUIM REGO

ARMAZEM POPULAR

N'esta casa ha sempre grande sortimento de fazendas de seda, lã e algodão, setinetas, percales, zephires, pannos crus. Secções de retrozaria, camisaria e luvaria.

CAPAS PARA SENHORAS

Preços sem competencia

154—RUA DA PALMA—156
LISBOA

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

82—RUA DA VICTORIA—88

Exposição permanente

166—RUA DO OURO—170

Installações completas para agua, gaz e electricidade.

Grande sortido de lustres em todos os generos.

A CONFIDENCIAL

Rua da Prata, 153, 2.º

BARBOSA & C.ª

Escrptorio de commissões e de varios negocios de interesse publico. Empréstimos de dinheiro sobre letras e hypothecas. O fim d'este escriptorio é facilitar a economia de tudo que demande tempo, dinheiro e incommodo. Trata-se de todos os assumptos e negocios de que os pretendentes desconheçam quaes os tramites a seguir, quando não queiram incommodar-se ou, ainda, quando os seus affazeres lh'o não permittam.

Pedir na séde do escriptorio a nota dos serviços que se prestam.

ALFAYATERIA MILITAR E PAIZANA

Santos & Antunes

Successor MANOEL DA COSTA ANTUNES

Fazendas nacionaes e estrangeiras

O MELHOR SALÃO D'ALFAYATERIA

Preços excepcionaes—Brevidade e excellente acabamento

Direcção Technica a cargo d'um habil e *bravido* contramestre

Executam-se todas as obras respeitantes a este atelier

R. DE SANTA JUSTA, 93, 1.º

(Junto á Rua do Ouro)

LISBOA

O CONCURSO ARTISTICO DO "AZULEJOS"

BASTA COLLECIONAR

20 MASCARAS ILLUSTRES

das publicadas nas três series do nosso semanario, podendo até serem eguaes, enviando-as até ao dia 20 d'agosto.

Premio para o maior numero de collecções

UM COUPON DE 100\$000

Offerecido pela Administração do AZULEJOS

BREVEMENTE ANNUNCIAREMOS O PREMIO DA COLLECCAO MAIS ARTISTICA

LISTA DOS PREMIOS

- 1.º—Um par de estatuetas terre cuite com pintura, imitação de marfim, offerta do *Ex.º Sr. Eugenio Costa*, proprietario do **Gato Preto**, R. de S. Nicolau, esquina da R. do Crucifixo.
- 2.º—Um almofadão desenhado á penna, offerta e trabalho da *Ex.ª Sr.ª D. Maria do Céu Beça*, nossa illustre collaboradora.
- 3.º—Uma pintura a oleo, pelo *Ex.º Sr. João Bastos*, um dos nossos directores artisticos.
- 4.º—Uma almofada bordada a seda, offerecida e bordada pela *Ex.ª Sr.ª D. Leonia Paz Lopes*.
- 5.º—Um quadro grande com a photographia do **Rei D. Manuel II**, trabalho e offerta do *Ex.º Sr. João Maria Lopes*, nosso illustre collaborador.
- 6.º—Um tinteiro feito em sola, pela *Ex.ª Sr.ª D. Maria d'Oliveira*.
- 7.º—Um estojo com uma escova em prata, offerta do *Ex.º Sr. Julio de Mattos*.
- 8.º—Uma machina d'escrever.
- 9.º—Um porta jornaes bordado—pela *Ex.ª Sr.ª D. Adelina Lapa Rodrigues Garrana*.
- 10.º—Uma faca para cortar papel, com lamina de marfim e cabo em prata dourada, estylo arte nova, offertado pela ourivesaria **Januario e Mourão**, 86 a 88, R. da Palma, 92 a 92 A.
- 11.º—Um colchão d'arame, montado em pitch-pine á medida da cama que o premiado desejar e perfeitamente egual aos que estão á venda em casa do offertante, *Ex.º Sr. José Godinho*, 54, P. dos Restauradores, 56.
- 12.º—Um almofadão desenhado a pyrogravura, offerta e trabalho do *Ex.º Sr. Luiz d'Oliveira*.

(Continúa)

COMPRA

A ZOLZEIOS

Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

Litterarios: LUIZ CEBOLA, J. PACIFICO E ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO E J. BASTOS
 Musicos: ALFREDO MANTUA E FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º LISBOA

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Sabbado 21 de Setembro de 1907

CONDICÕES D'ASSIGNATURA
 (Pagamento adiantado)
 LISBOA E PROVINCIAS
 Serie de 15 numeros..... 300 rs.
 Colonias 400 »
 Brazil 900 »

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

CARTA ABERTA

A's nossas gentis leitoras e amaveis leitores



empe que um novo jornal se lança ao mercado, é uso de ha muito seguido, expôr, á laia de artigo de fundo e como tal, um programma de-talhado e pomposo que, as mais das vezes, não é cumprido. Nós, porém, que somos refractarios a leis e normas, não temos programma.

Nada promettemos para a coisa alguma faltarmos.

Comtudo, como aliás é facil de pre-ver, temos um fito, um alvo em mira, uma ambição a mordicar-nos o desejo — coisas estas que em pouco se resumem, pouquissimo custam a descrever, mas que se nos antolham como uma tarefa immensa, ardua e difficil de pôr em pratica. Consiste esse espinhoso encargo em promover a nossa acceitação e, seguidamente, em procurar corresponder ao vosso bondoso acolhimento e conservar o vosso interesse e estima. Conseguiremos vêr realizados todos os nossos desejos?

O tempo fiel interpretador da maneira de vêr de V. Ex.^{as}, se encarregará de nol-o provar.

Mas sem umas breves palavras elucida-tivas, como poderemos nós avaliar das intenções do jornal e contribuir para a vida d'elle? perguntarão V. Ex.^{as} e muito atiladamente.

A resposta, comquanto difficil, impõe-se-nos e consequentemente, vamos dál-a, sincera e lealmente.

Primeiro, contamos com a muita bon-dade por parte do publico que busca na leitura um recreio e no annuncio um

meio propicio para desenvolvimento das industrias e alargamento das transacções commerciaes, depois... fiamos-nos nos nossos projectos.

Sim, Ex.^{as} leitoras e preclaros leitores, nós temos projectos, e, ousadamen-te, desassombradamente, vamos confiar-lh'os.

E' noosso intuito unir e criar — na medida do possivel — secções varias que a todos interessem e, para que essas secções apresentem um cunho de novidade, não desejamos que ellas sejam julgadas feudos de meia dúzia de cavalheiros que escrevem. Para isso, d'aqui lançamos convite aos *novos*. A todas as secções, cujas direcções estão a cargo de escripto-res que reputamos competentes, todos, sem excepção, podem concorrer, por-quanto o noosso maior desejo é tornar co-nhecidos talentos que, a ganancia de li-vreiros e editores, o medo da concorrencia, a inveja e quejandos sentimentos ruins, teem roubado ao conhecimento e apreciação do publico.

Sim, gentis leitoras e amaveis leitores, qual de vós, não tem um conheci-mento — um filho ou uma filha, por exem-plo —, bocadinhos da vossa alma que muito idolatrais e que muito gostaríeis de vêr apreciados e, quicá, guindados á al-tura dos vossos sonhos, serem victimas do que no periodo transacto, deixámos apontado?

Pois bem, o noosso jornal o receberá de braços abertos e fará conhecer do pub-lico o que, pelo seu merito e valor, mereça ser d'elle conhecido.

E depois, Ex.^{as} leitores, que prazer e orgulho não sentireis, quando, ao atra-veissardes uma rua, chegarem até vós, os sons cadenciados e melodiosos de uma valsa — producto da inspiração da vossa gentil filha, que soube, com os seus de-dos fuselados e extremados por folhitas de rosas vermelhas, arrancar, por noite luarenta, á fria nudez das téclas, esses harmoniosos accordes, que ora vibram

aos vossos ouvidos de paes amantissimos, como um hymno festivo e aben-çoado?

Ahi ficam os nossos projectos, cuja realisação como vistes, só de vós depende.

Bemvindos, pois, sejam os *Novos* ao noosso jornal.

De resto, nada promettemos para a cousa alguma faltarmos.



N'esta secção publicaremos as nossas chronicas semanaes e, como os leitores veem pelo titulo, serão tudo quanto ha de mais simples e de mais hygienico; o chá será preto de ponta branca e as torradas, bem quentinhas e bem fôfas, barradas com a melhor manteiga que houver no mercado, depois de analysada no laboratorio... da nossa redacção.

Abster-nos-hemos de relatar o que, realmente, se passou durante a semana... para tirar difficuldades ao chro-nista e evitar que os nossos leitores, em vez de bom chá e boas torradas, tenham que tomar algum caldo requeentado, sem-pre desagradavel e incommodo, princi-palmente para o delicadissimo paladar das nossas formosas leitoras.

O vosso chro-nista sente-se disposto a ser ligeiro, subtil, vaporoso, a conservar ao chá todo o seu delicado perfume, ás torradas todo aquelle alourado que as torna tão apreciaveis e á manteiga, oh! á manteiga, só lhes direi que vai de-bancar, o que por ahi ha de melhor, de-clarando guerra incruenta á margarina.



NOTAS CIENTIFICAS

CHRONICA

Minhas Snr.^{as} sei que V.^{as} Ex.^{as} não me perdoarão nunca o desgosto que vou causar-lhes. Esse homem, dirão, que vem envenenar o mais innocente dos nossos passatempos, que pretende arrancar-nos á mais piedosa e consoladora das nossas distrações, sob o pretexto altruista de querer livrar-nos da doença e da morte, esse homem é um visionario, um doido ou um mau. Arrastando a colera e mesmo o desprezo de V.^{as} Ex.^{as}, privado de todos os epithetos mal soantes com que V.^{as} Ex.^{as} se dignem mimosear-me, se é que malsoantes palavras podem passar através uns labios de mulher, apodado de doido ou de mau, serei insensível aos maus tratos e seguindo o caminho que me propuz trilhar, venho humildemente perante V.^{as} Ex.^{as} prevenir-as do grande perigo que ameaça aquellas que especialmente se dedicam á criação de animaes domesticos e principalmente ás que amam os canarios e quejandos volateis.

O contacto intimo com as aves d'estimação, especialmente com as aves engaioladas torna-se perigosissimo.

A tuberculose que amiudadamente ataca estes animaes e não menos vezes as galinhas e os pombos, está provado, pode transmittir-se facilmente e infectar as pessoas que lidam com elles. — Assim: é um mau costume dar ás aves comida de *bóca a bico* como é frequente fazê-se por graça e amisade, terrível habito tambem limpar o *comedeiro* soprando-o. As mósicas que muitissimas vezes vão ás gaiolas encher-se de germens nocivos, podem transmittir-los aos alimentos e as poeiras que resultam dos detritos secos e pulverisados espalham-se no ar e vão depositar-se no aparelho respiratorio das pessoas que mais de perto privam com esses, á primeira vista, innocentes animaesinhos. — O facto de conservar nas cosinhas quaesquer aves engaioladas constitue um enorme perigo para toda a familia porquanto a ave, batendo as azas ou a beneficio do proprio bico, espalha poeiras e muco, podendo assim contaminar a comida para uma familia inteira. — Certas verrugas que os papagaios apresentam e que não são mais do que formas especiaes de tuberculose da pele d'aquelles animaes, encontram-se cheias de *bacillus* e caindo e pulverisando-se propõe-se espalhar a terrível doença pelas pessoas de casa. Estes ultimos animaes são frequentemente atacados por uma doença infecciosa especial chamada *Psittacose* e que se transmite muito facilmente ao genero humano sôb a forma d'uma pneumonia especial, muito grave e séria, estando averiguado que em 1892 houve 50 casos d'ellas em Paris, seguidos, alguns, de desenlace fatal. Os gatos e os cães, menos propensos é certo,

a adoecerem de tuberculose, não estão no entretanto isentos de se tuberculisarem e quando isto acontece, o efeito produzido nas pessoas que os amam e aagam é dos mais terriveis e perniciosos; é sobretudo muito para temer qualquer gato que apresente feridas ou ulceras no nariz. — As habitações dos coelhos devem estar sempre longe dos ayarios para que os productos infectantes d'estes não vão contaminar as coelheiras.

Para que as minhas gentis leitoras não julguem que tudo que lhes tenho dito a respeito d'esses e outros animaes domesticos é producto da minha imaginação escandecida ou desejo de privar-as d'uma diversão por ellas julgada innocente, vou referir-lhes três casos clinicos perfeitamente comprovados.

N'uma casa grande e salubre onde morava uma familia abastada sem antecedentes morbidos hereditarios, existia um aviario onde viviam na mais doce e agradável intimidade trinta a quarenta avesinhas, canarios na sua maioria. — Em 1887 uma criada de 23 annos foi atacada de tosse rebelde e hemoptise, succedendo o mesmo a uma outra criada, de 22 annos, em 1889. — Em 1890 ainda uma criada da mesma casa caiu com tuberculose e no mesmo anno uma das filhas dos dónos da casa, senhora de 30 annos, bem conformada, de boa saude, pesando 67 kilos e costumada a todos os generos de esporte, soffreu de tosse, hemoptise, infiltração do ápice do pulmão esquerdo e caverna consecutiva.

Dois annos mais tarde, um irmão d'esta menina, rapagão de 21 annos apparece com o pulmão direito ferido pela tuberculose: foi feliz por quanto se curou a beneficio da permanencia durante dois invernos n'um clima d'altitude, felicidade que não teve um seu irmão, rapaz de 27 annos que succumbiu em 1895. Este ultimo conservava sempre no quarto gaiolas com aves domesticas.

— O segundo caso refere-se a um homem de 47 annos, forte e robusto que alguns mezes depois de ter no quarto de dormir uma gaiola com um canario, se tornou tuberculoso.

— O terceiro caso é o d'um medico de 31 annos que se tuberculisou alguns mezes depois de conservar dois canarios no quarto da cama.

Reparem bem, minhas Snr.^{as} na grande mortalidade das aves engaioladas e principalmente quando vivem muitas na mesma gaiola e lembrem-se que, desde que a tuberculose se espalhe no aviario, as avesinhas doentes propagam microbios e tornam-se um campo d'infeccção para os habitantes da casa. Não olvidem tambem que todos os detritos e poeiras saídos das gaiolas; podem cair sobre os alimentos, leite, manteiga, queijo, pão, carnes, etc. e produzir terriveis infeccções no estomago e intestinos.

Apoz estas linhas, que decerto porão largas manchas frias no enterhecimento ardente com que as minhas amaveis leitoras tratam do seu canario favorito, só me resta pedir-lhes perdão da crueldade com que as feri n'um dos mais ternos de seus sentimentos e recomendar-lhes... que tenham cuidado com os bicos. ARO.

Hygiene e Pathologia do Vestuario



vestuario representa um bem pera a saude, porque é um anteparo que o homem colloca entre si e o meio externo, estando apenas em contacto com elle pela cara e pelas mãos. A não ser nos paizes selvagens, em que se usa apenas uma tanga, em todos os paizes civilizados o homem occulta-se de dia pelo vestuario, de noite pela cama.

O vestuario tem um papel importante, porque é uma especie de alfandega que fiscalisa o commercio thermico entre o calor interno e o calor externo.

O feitto do vestuario representa nos paizes de civilisação requintada uma parte importante da pathologia; desde a bota até ao chapéu, todas as peças do vestuario nos podem fazer adoecer pelo seu feitto.

No europeu ao menos, rara é a peça do vestuario que está certa, principalmente nas mulheres, que se enfeitam e aprimoram para fascinar o macho, ao contrario do que succede nas outras especies de animaes.

Nos paizes da Europa, com especialidade nos do sentimentalismo, a esthetica consiste em as mulheres se fazerem *vêspas*, com dois anneis separados pela cintura, de que resulta um verdadeiro desastre, porque apertam o fígado d'um lado, o baço do outro e o estomago ao meio, e assim por esta estrangulação viciosa, victimam a sua vida nutritiva, chegando até a inverter a matriz, e a fazer-lhe flexões, o que as torna esteíreis e lhe dá dores horriveis, em epochas periodicas.

Uma dama que usa o *salto de pião* tem o centro de gravidade, a base de apoio, muito puxada para diante, e por isso tem que andar curvada para a frente, sem de não cair sobre as nádegas, o que não lhe convem. Isto feitto por muitos dias dá de si que a matriz muda de posição; além de que em geral as que andam assim são eximias na valsa e durante ella tambem a matriz lá dentro dança vertiginosamente.

O espartilho, o salto de pião, e a valsa são uma ruina completa, e quantas mulheres ha que só devem as suas doenças a taes abusos.

A mais prejudicial de todas as peças do vestuario da mulher é o espartilho.

Este, em quem o usa muito apertado, é uma alavanca que através do fígado, aperta os intestinos e exerce pressão sobre o rim, e este ultimo, que tem mais juizo que a portadora do espartilho, desloca-se, e d'aqui vem a ectopia renal.

No fígado chegam as costellas a deixar impressões pela pressão do collete, e nós já vimos fígados canellados por elle.

O duodeno e o pyloro apertam-se. Com o espartilho vem a dilatação do estomago, porque este quer despejar-se no duodeno e não pode, por estar apertado, e d'ahi vem palpitações, fraqueza, vertigens e anemia cerebral.

succede cairmos no desagrado das familias, por dizermos que a menina não deve espartilhar-se. E' que as mulheres quando se lhes diz alguma coisa acêrca do collete, allegam logo que anda muito largo, e querem metter-nos pelos olhos que o thorax era d'esse feitto, introduzindo entre elle e o espartilho uma mão tão larga como a cintura.

Mas o collete, regularmente applicado ao thorax, é vantajoso, para aconchegar os seios. Se estes andarem pendentes, os mamillos desfazem-se, e ficam inhabilitados d'amamentar; porque os seios foram feitos para andar livres, mas na attitude quadrupede, de modo a ficarem como uma pyramide invertida. O collete protege os mamillos, os seios, e tem ainda a vantagem de amparar a caixa thoracica em baixo, e fazer-lhe assim uma boa respiração em toda a plenteude.

O que succede porém vulgarmente é apertarem-no de mais e inutilisarem assim a melhor parte do pulmão; ora essa parte onde o ar não é renovado torna-se um bom meio de cultura para o bacillus de Koch, e é por isso que se vê a tuberculose iniciar-se nas mulheres na base do pulmão, ao contrario do que succede no homem.

Das Lições de Pathologia do Professor

SOUSA MARTINS

ESPIRITISMO



ideia espirita tem, com especialidade nos ultimos tempos, tomado um incremento assombroso. Um semanario com a indole d'este nosso, destinado a franquear as columnas aos novos escriptores e artistas e ás modernas theorias e seus progressos, não pode, por modo algum, furtar-se ao relato do que sobre espiritismo temos colhido de importante.

Posto este pequenissimo preambulo, vamos submitter á apreciação dos nossos estimaveis leitores, uma interessante communicação espirita, promettendo desde já outras não menos sensacionaes para cada um dos numeros que vão seguir-se.

Limitar-nos-hemos a apresental-as, deixando ao lucido intellecto dos que nos lerem a liberdade de julgamento.

Mascaras illustres



João de Deus

A communicação que vai seguir-se e que é attribuida ao saudoso e delicado poeta João de Deus, foi obtida pelos *mediums* F. L. e R. S. na presença de pessoas que nos merecem todo o credito e confiança.

É o cumprimento da promessa feita pelo inolvidavel lyrico á mocidade das escolas, n'aquella sentida quadra improvisada no dia da sua glorificação:

Que vindes cá fazer, ó mocidade?!
Despedir-vos de mim? Quanto vos devo!
Tambem levo de vos muita saudade
E, em chegando ao outro mundo, escrevo.

Collocados os dois *mediums* escreventes em um face do outro, nos extremos d'uma mesa, munidos de lapis e papel, a breve trecho um d'elles traçava as seguintes phrases:

«A minha promessa vou cumpril-a, se me quizerdes auxiliar.

«Se a vida fosse vasto manancial de felicidades, quão maior não seria ahi a desventura.

Frisae bem as phrases sentidas, mas puras e sinceras, d'um coração amigo que vos falla, e, não riáis do desconhecido, porque a obra de Deus é incomensuravel e não se desvenda com facilidade e singeleza.

O' mocidade! O' ventura inequalavel

da vida terrena! Gargalhada de crystal n'um ambito infinito de prantos e desditas! Rosa desabrochando das entranhas d'um charco infecto! Sol doirado formando brilhantissimo arco-iris n'um dia de chuva escuro e tormentoso! É para vós que ressuscito; é para vós que um morto caminha desde o além tumulo.

Quizesteis adocar-me o desmesurado calix de fel que pela existencia fora fui bebendo a largos tragos. Viesteis até mim para me elevardes em ondas do incenso, que se desprendia da vossa alegria e juventude!

Quanto vos devo! Ainda uma vez mais: obrigado!

As poesias restantes, ultima parte da communicação attribuida a João de Deus, foram obtidas—e aqui está o curioso de todo o escripto,—da seguinte forma: os dois *mediums*, com estranha rapidez, escreviam ao mesmo tempo sextilhas diversas, que reunidas produziram as duas composições, traçando um as sextilhas pares e o outro as impares.

Eil-as:

A mocidade

E' sol d'abril,
N'um ceu d'anil
Desabrochando,
Vago luzeiro
Do caminheiro
Que vai marchando.

Riso d'amôr
Que beija a flôr
Nos descampados,
Alento e vida
D'alma dorida
Dos desgraçados.

O globo d'oiro
Tão fulvo e loiro
Sorrindo ao mundo,
Graça e favor
Que o Creador
Vos dá jocundo.

Com tudo isto
O sol de Christo,
Sendo tão puro,
Logo ao subir
A rir, a rir,
Beija o monturo.

Fazei tambem
Como o que vem
Dar-vos lição,
Tereis na essencia
D'essa existencia
A salvação.

A mocidade

O' mocidade,
Riso e saudade
Do meu amor!
Hora tão linda,
Que breve finda
Immersa em dor!

Aragem breve
Que bem de leve
Cicia e passa,
Sonho infantil,
Curto, subtil,
Cheio de graça!

Manhã rosada,
Branca alvorada,
Dia outomnal!
Captiva flôr,
Essencia, olôr,
D'um roseiral!

Aura fagueira
Que vem ligeira
Sorrir ao velho
E o faz chorar
Ao remirar
Aquelle espelho.

Ai quem lhe dera,
Por vã chimera,
Ser sempre assim
E rindo, louco,
Ir pouco a pouco,
Chegando ao fim.

GAZETILHA

Ferros curtos

As pennas e escriptores abalisados
Que, d'esta capital scia, parrana,
Em prêlos nunca d'a,tes fabricados
Passaram os confins da tramontana.
Sem receio aos processos levantados,
Mais de um milhão, ás vezes, por semana
Na marmorea cidade apresentaram
«Azulejos» com que o reino embasbacaram.

E outrosim as ideias radiosas
Dos patuscos que foram alargando
A luz, a sciencia, em obras trabalhosas
Linguados e linguados rabiscando,
E vão, por entre rimas estrondosas,
Pr'ás suspensões, heroicós, caminhando,
Cantando levarei ao pé de Marte
Ainda que o talento me não farte.

Cessem do Silva Graça e Marianno
As enormes tiragens que fizeram,
Calle-se de Camillo e de Hereulano
A fama dos artigos que escreveram:
Que eu canto o *periodico* magano
A quem Deus e o Diabo obedeceram:
Não dê pio o que a musa, velha canta
Que, se falla mais alto, eu pinto a manta

E vós Doidices minhas, que ateadô
Tendes o meu valor nunca evidente,
Se, em verso de pé coxo, decantado
Foi de mim vosso riso, tristemente,
Dai-me em agudo som, desinfectado,
Uma palavra ailtloqua e fluente:
Que eu vou apregoar na terra inteira
O jornal onde escrevo tanta asneira

LAMPARINA



O REPIQUE

O Custodio, sineiro, era muito querido na aldeia e sollicitado por todos os logarejos em redondo pela maneira artistica porque repicava os sinos nos dias de festa.

Vivia feliz o Custodio n'uma casita baixa, escondida pelo arvoredô, na volta d'um atalho, em companhia da sua Maria e d'um endiabrado garoto dos seus 12 annos, a quem ambos queriam como ás meninas dos seus olhos. Custodio ensinava ao filho—Joaquim se chamava elle—o seu officio, mas, dava-lhe grande abalo e todo se amofinava ao vêr que o rapazelho não tinha aquella queda, que tanto o fazia procurado e tão grande fa-

ma lhe déra, para repicar festivamente os sinos. Se se tratava de um dobre, a coisa ia bem; mas... lá repicar, o Joaquim atrapalhava-se, mettia os pés pelas mãos e não sabia coisa de geito!... D'ahi, grandes altercações entre o pae e o filho a que logo a mãe punha ponto, dizendo:

— O' Custodio, deixa o pequeno. Em elle sendo homem, em tendo mais tino, talvez venha a ser melhor sineiro do que tu.

N'aquella manhã, Maria, que ha 3 mezes andava achacada, sentiu-se peor, a ponto de não se levantar. Isto encheu-a de desgosto que maior se tornou, ao lembrar-se de que no dia seguinte se fazia com toda a pompa, na aldeia, a festa do Espírito Santo.

Pelo dia adiante o mal agravou-se e, apesar dos cuidados do Custodio e do Joaquim que muito lhe queriam, a pobre Maria na manhã do Espírito Santo, sem um ai, sem um queixume apartou-se para sempre d'aquelles dois entes estremeçados.

Mal tinha acabado de soltar o ultimo suspiro, alguém surge á porta e grita: O' Custodio! então? olha que são horas de annunciar a festa; mas o pobre, nem se mexe, nada ouve, mais não vê do que a sua Maria morta, ali. Então o pequeno, vendo o pae immovel, trémulo e pallido, volve á mãe um olhar extranho, incomprehensível e, como louco, corre á egreja, sobe á torre. e começa repicando alegremente, festivamente, sem um desfalecimento, sem uma atrapalhada, sem uma nota discordante, enquanto as lagrimas lhe correm pelas faces, tradusindo a intensa dor que lhe vaé n'alma, e aos seus ouvidos reboam aquelles sons festivos como um dobre a finados.

Agosto, 1907

FERNANDA MANTUA.

SONETO

Sobre estas duras, cavernosas fragas,
Que o marinho furor vai carcomendo,
Me estão negras paixões n'alma fervendo,
Como fervem no pégo as crespas vagas.

Razão feroz, o coração me indagas,
De meus erros a sombra esclarecendo,
E vás n'elle (ai de mim!) palpando, e vendo
De agudas ancias venenosas chagas.

Cego a meus males, surdo a teu reclamo,
Mil objectos de horror co' a ideia eu corro,
Solto gemidos, lagrimas derramo.

Razão, de que me serve o teu soccorro?
Mandas-me não amar: eu ardo, eu amo:
Dizes-me que socegue: eu peno, eu morro.

BOCAGE.

Morta!

Deitada no seu berço, a creancinha conserva no semblante a cor do lírio; e o olhar semicerrado, á luz do cirio, tem um brilho fugaz que se adivinha!

A mão pequena é branca e delgadinha do tempo da doença, o seu martyrio!

parece 'inda apontar como em delirio, a luz que tantas vezes a entretinha!

Vem um raio de sol beijar-lhe a fronte desejando, quem sabe! 'inda aquece-la e dar-lhe vida como á flor do monte!

Junto ao berço chorosa, os olhos baços, a mãe fita a filhinha esp'rando ve-la erguer-se do berço o e dar-lhe os braços!

(Do livro *ESBOCETOS, no prelo*.)

MARCO SIRE.

O phantasma da Alameda

A minha Mãe



Conto de D. Maria Magdalena de Gondomar



chuvia cahia em torrentes, o vento bramava enfurecido. De espaço a espaço, ouvia-se o rimbombar da trovada já distante. As rajadas do vento empurravam com furia impetuosa, portas e janelas.

Uma noite horrorosa, propria para incutir terror nos espiritos mais fortes. Na cidade, noites como aquella não são amedrontam; mas no campo, na aldeia, são de infundir pavor.

Junto da lareira da ampla casinha, que fora em tempos idos de um convento de frades, achava-se reunida toda a familia, que se compunha das seguintes pessoas:

O dono do casal, homem de quarenta annos, forte e robusto, typo de fazendeiro remediado: sua mulher que andaria pela mesma idade, mas fresca e activa, como uma rapariga; boa mãe, dedicada esposa, filha carinhosa e excellente dona de casa, dividindo entre o marido, os filhos e os velhos paes, todo o affecto da sua alma honesta e simples.

Dois velhinhas, os paes da boa Marianna e finalmente os filhos, um vigoroso mocetão de vinte e dois annos, e duas gentilissimas raparigas, uma de desoito e outra de doze rissonhas primaveras.

Estavam todos assentados em redor da enorme chaminé, onde crepitava um bom e bem alimentado lume, que espalhava no ambiente confortavel e benéfico calor.

Na cosinha, reinava grande silencio, mas todos mais ou menos estavam occupados: O lavrador, limpava com cuidado os canos de uma caçadeira; Marianna, sua mulher, migava n'uma grande malga, o pão alvo e a bróa de milho, para o caldo que fervia ao lume, bem adubado, de bons nacos de presunto, toucinho e chouriço, e de todos os competentes temperos, que na provincia se uzam.

Realmente, era para tentar o mais rebelde appetite, o perfume que se exalava da enegrecida panella, e da certá que continha as frituras de lombo.

A velhinha, passava uma a uma, vagarosamente, pelos enghelados dedos, cor de marfim, as contas de um rosario, murmurando baixinho, n'um brando ciciar, os Padre Nossos e Avé Marias. O ancião, sentado a um canto da lareira, com as mãos cruzadas sobre o estomago, movia devagar, os dois dedos pollegares, ora para a direita, ora para á esquerda, e de quando em quando, cabeceava somnarento.

Manoel, o primogenito do casal, lia com visível interesse, um tratado de caça; Carlota, a irmã mais velha, com a bella frente encostada á mão, quedava-se pensativa, deixando errar o pensamento ao sabor da sua phantazia dos 18 annos; Rosita, entretinha-se vestindo uma grande boneca de trapos. Um enorme cão de guarda, resonava estirado junto da lareira.

Em toda esta familia, se lia a paz, o socego, a tranquillidade de espirito, que na capital se não encontra, pois todos mais ou menos são agitados por diversas paixões, trazendo quasi sempre afilelada a mascara da hypocrisia.

Foi o dono da casa, quem rompeu o silencio: — Boa calada para apanhar coelhos. Que noi-

te, heim?... Olhem como ella canta e elle as-sobia; (referia-se ao vento e á chuva) E' verdade, ó Manel, disse voltando-se para o filho, hoje deve vêr-se o phantasma da Alameda... só apparece em noites como esta.

Em todos se notou um gesto instinctivo de terror. A avó benzeu-se, murmurando:

— Crédo! Deus Nosso Senhor se compadeça das nossas almas, e lhe dê eterno descanso. Resemos um Padre Nosso e uma Avé Maria, pelas alminhas da Alameda... e começou a rezar fervorosamente.

Todos se calaram; creio que resavam tambem.

De subito, resoou por toda a casa o som de rijas argoladas, dadas com força na porta da habitação. Na disposição de espirito em que todos se encontram, sob a impressão que lhes fizera a lembrança do phantasma da Alameda, facil é de calcular, como ficaram, ao sentir em semelhante noite, baterem-lhe á porta com tal estrepido.

O fiel molosso, posera-se de pé e arremetia furioso contra a porta da cosinha, forcejando por sahir.

Em todos os rostos se manifestava o terror de que se achavam possuidos.

— Santo nome de Deus!... Quem será a esta hora?... conseguiu por fim dizer a senhora Marianna.

No entanto as argoladas repetiam-se com mais força, e mais rapidas. A exasperação do bom guarda, estava no seu auge, deitando-se furiosamente á porta.

O senhor Antonio, enchendo-se de coragem, disse voltando-se com intimativa para o filho:

— Anda d'ahi ó Manel, dá-me a minha carabina, e traz a lanterna. Vamos vêr quem é o excommungado, que se atreve a incommodar-nos... e, voltando-se para a familia muda de susto:

— Eh! gente! nada de medos, que não é o phantasma da Alameda! a esta invocação, todos se presignaram.

— O mulher, segura o Turco. Já para o pé da dona, já...

O molosso obedeceu, rosnando.

Pae e filho, chegaram ao portão a que batiam.

— Quem está ahí? bradou com voz forte o ti-Tonio, como na aldeia lhe chamavam.

— Gente de paz. E' um viandante perdido, que pede pouxada por caridade. Bom homem, recolhei-me e ao meu pobre cavallo, que morremos de frio e canção.

O bom do ti-Tonio, reflectiu um instante, após o qual disse para o filho.

— O' Manel, ajuda a destrancar a porta.

A porta foi aberta, e á luz da lanterna, puderam ver que era effectivamente um homem, ainda móco, com um cavallo seguro pela redea, que ali lhes estava pedindo pouxada.

— Guarde-o Deus! entre! E como visse que elle hesitava, olhando para o animal:

— Não se inquiete que já se vai tratar d'elle. Eh! rapaz, leva-o para a cavalleiria, e dá-lhe boa razão, porque deve ter fome; trata-o bem, pois é de boa raça e era pena perdê-lo.

O desconhecido, depois de ter afagado o animal, que relinchou satisfeito, voltou-se para o ti-Tonio, murmurando agradecido:

— Obrigado, senhor, o pobre animal vem extenuado.

— Bem, entre e venha aquecer-se, que está molhado até aos ossos.

Com effeito a chuva repassara todo o fato do viajante, inclusive a grande capa que o envolvia.

— Venha commigo, faça favôr.

E encaminharam-se para a cosinha onde a familia os aguardava curiosa.

— Era este senhor quem batia. Seja quem fór, por certo, que não traz mais edeias para com a gente, pois bem vê que fui logo prompto a recolhê-lo.

— Enganava-se se pensasse mal de mim, meu amigo, eu só quero agradecer-lhe a promptidão com que me abriu a sua porta, e descançar se m'o permite, pois sinto-me bastante fatigado.

Vou dar-lhe o meu cartão, para ficar sabendo quem sou; e desabotoando o casaco, tirou da carteira um bilhete, no qual se lia:

ALFREDO CARLOS DE CASTRO RIBEIRO E MELLO
Engenheiro

Lisboa

O aldeão pegou-lhe, passando-o á filha mais velha, dizendo:

— Lê tu, pequena.

(Continúa.)

MINHA DONA

Dona da trança doirada,
Dona da minha esperança,
Trago a minh'alma enleada
No oiro da vossa trança.

Passo uma vida d'abrolhos,
Dona de tantos carinhos,
Trago os meus olhos ceguinhos
Da luz de tão lindos olhos.

Dona de formas tão finas
Porquem meus olhos choraram
Dês que as minhas mãos tocaram,
As vossas mãos pequeninas.

Dona, de tão ternos beijos,
Porquem minh'alma anda louca,
Arde-me a bocca em desejos
Por beijar a vossa bocca.

Custou-me a pedir custou-me,
Dona do meu alvoroço,
Que digaes sempre o meu nome
Quando disserdes o vosso.

Dona do péssimo breve,
E doce martyrio meu,
De collo feito de neve
E neve feita no céu.

Dona de tão alvos dentes,
Dentes alvos que eu invejo,
Trinta e dois beijos ardentes
Gerados todos num beijo.

Minha dona, meu thezoiro,
De tranças tão perfumadas,
Tecidas de fios d'oiro
Com oiro das madrugadas!

ARTHUR C. D'OLIVEIRA



Quem morre... morre

AO XAVIER DA SILVA

Vão serras em fóra
Os sons magoados
D'um sino que chora
Um dobre a finados.

Pranteia-se o morto
Porque, d'alma nobre,
Jamais um conforto
Negara a um pobre.

Todos á porfia,
Repetem com zelo,
Que da fidalguia
Foi sempre um modelo.

E por fim á uma
Os amigos seus
Ó guindam em suma
A' altura d'um Deus.

Dois mezes após
— Tudo se consome! —
Não ha uma voz
Que lhe rese o nome.

BENTO MANTUA.

Pensamentos

Uns veem a este mundo para serem bigornas
outros para serem martellos.

VOLTAIRE

Mandaes vossos filhos á escola, que a utilida-
de será para elles mas as benções do ceu para
vós.

D. PEDRO V.



THEATROS E CIRCOS

Talvez seja uma phantasia da nossa
 parte o julgarmos que ainda se recordam
 das criticas que n'outro jornal fizemos
 e o que sobre theatro rabiscámos na epo-

sempre emparelhar correcções, ditadas
 pela nossa maneira de vêr e sentir,—er-
 ronea talvez.—mas leal e sincera:

Nunca nos tivemos na conta de im-
 peccaveis ou doutos em assumptos thea-
 traes,—o homem é imperfeito e nós so-
 mos homens—mas, queremos o quinhão
 que pertence de direito a todo aquelle
 que julga ter produzido um trabalho ho-
 nesto.

Agora, como então, vimos dizer-te lei-
 tor, que continuámos a seguir o mesmo
 trilho sem fraquezas ou vacillações.

E' em virtude d'isso que não distingui-
 remos velhos ou novos artis-
 tas e daremos sempre o
 primeiro logar áquelle, seja
 quem fôr, que de direito o
 mereça.

Na medida do possível es-
 peramos, em cada uma das
 peças novas, dar publicidade
 ao retrato do actor que, no
 seu desempenho, julgarmos
 ter-se evidenciado.

Tambem no final de cada
 epocha, apuraremos o auctor
 e actor que maior numero de
 triumphos alcançou, inserin-
 do as suas respectivas photo-
 gravuras n'uma pagina d'hon-
 ra.

Ainda uma vez mais repeti-
 mos que accetamos e acata-
 remos, com toda a considera-
 ção e respeito, a defeza de
 qualquer artista, que se julgar
 erroneamente criticado, dan-
 do as mãos á palmatoria da
 justiça ou provando-lhe com
 argumentos quaes as fortes
 razões que nos levam a man-
 ter a respectiva censura.

E' por esta forma que nos
 parece dever ser feita a cri-
 tica por quem não se julga
 completamente perfeito, mas
 tem a pretensão de querer
 ser justo.

E cá estamos na geral.

ROMANOL.

GIRANDOLA THEATRAL

D. Maria II — Originaes approvados pelo
 jury para a presente época, até á data:

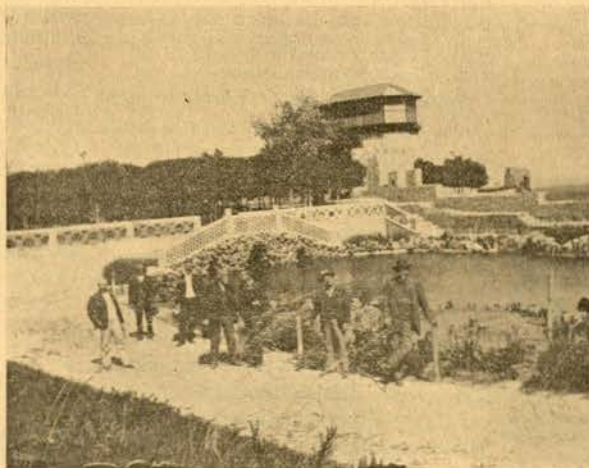
«*Mar de Lagrimas*» — 3 actos de Jorge
 Santos e João Gouveia;

«*A Mascara*» — 4 actos de Affonso Gayo;
«*Judas*» — 4 actos de Augusto de Lacerda;

«*Mã Sina*» 3 actos de Bento Mantua.
 A' nova empreza do theatro D. Maria, que
 brevemente abrirá as suas portas ao publico, pois
 que, ao que nos dizem, será inaugurada a epo-
 ca em 1 de outubro, foram entregues mais, para
 serem presentes ao jury de admissão de peças,
 os originaes: *Um prosaico*, do sr. dr. Manuel
 Emygdio Garcia, e *Uma peça d'Ibsen*, do sr. Xa-
 vier Marques.

A proxima sessão do jury realizar-se-ha na
 terça-feira, pelas 8 horas da noite.

A peça em 3 actos, *Mar de lagrimas*, dos
 srts. João Gouveia e Jorge Santos, entrará em
 ensaios esta semana.



NAS PORTAS DO SOL — SANTAREM

Photographia do Ex.^{mo} Sr. João Maria Lopes

Os AZULEJOS publicam todas as photographias nitidas
 e perfectas de pontos interessantes do paiz, que lhes
 sejam enviadas pelos seus estimaveis leitores.

ca passada, mas, confessámos, temos essa
 velleidade. E, têmol-a, pela simples ra-
 zão de suppôrmos que os nossos escri-
 ptos, dada a imparcialidade e independen-
 cia com que sempre foram traçados,
 vieram pôr uma nota discordante, em
 materia de criticas theatraes, onde era
 de uso e costume, topar se em cada li-
 nha com o eiogio permanente, o favori-
 tismo, os receios, a amizade pessoal, as
 sympathias mal reprimidas, o respeito
 pelos louros conquistados e pelos *benti-
 nhos dos nossos avós*. A todas estas lou-
 vaminhas que invadiram os dominios do
 preconceito e ás quaes se deve, em gran-
 de parte a vida estiolada do nosso thea-
 tro, nos atirámos, sem hesitações, pon-
 do de banda usos, conhecimentos e mes-
 mo amigos.

Fomos justos? Peccámos? Onde er-
 rámos e porque errámos? Ninguem nol-o
 disse, apesar de affirmarmos e termos
 garantido que estariamos sempre prom-
 ptos, e, da melhor vontade, a emendar
 as nossas culpas.

Aos defeitos apontados procurámos

O sr. Raphael Ferreira vai recorre para o governo, para ser ouvido o conselho da arte dramatica sobre a sua comedia historica em 3 actos, em verso, intitulada *Cerco a dama*, que o jury de admissão de peças no theatro de D. Maria rejeitou por maioria de votos.

D. Amelia — O sr. visconde de S. Luiz Braga, actualmente em Paris, já fechou contracto com Rejane, que dará oito espectaculos em fins de novembro proximo, no D. Amelia.

Contractada pelo mesmo empresario, virá tambem este anno a Lisboa a celebre Brandés, uma das mais bellas *etoiles* do Paris moderno.

Avenida — Em ensaios, a revista *«Pr'a frente»*.

Trindade — N'este theatro ensaia-se uma peça hespanhola traducção de João Soller.

Príncipe Real — Ensaia o drama de grande espectaculo *«Nossa Senhora de Paris»*.

Rua dos Condes — Abre brevemente as suas portas com a revista *«No descanço»*.

Colyseu dos Recreios — Com uma companhia equestre, acrobatica, gymnastica e musical, inaugura a epoca de inverno no proximo sabbado, 28 do corrente.



Vida Sportiva

O Raid Hippico da Illustração Portuguesa. Uma grande excursão em bicycleta. O director sportivo do "AZULEJOS" acompanha o Raid em todo o seu percurso.

Resolveu a *Illustração Portuguesa* organizar um grande *raid* hippico para apuramento do typo de cavallo que mais nos convém. A partida, como os nossos presados leitores n'ito bem sabem, realisou-se no dia 16, pelas duas horas da tarde, sahindo os concorrentes da Praça dos Restauradores.

Não podia o nosso humilde semanario, que se destina a proteger e advogar novas ideias e empreendimentos, deixar passar em silencio uma tão nobre empreza e, procurando tirar ainda mais algum proveito, quiz fazer alguma coisa de novidade para a velocipedia portugueza.

Quiz encarregar-se d'isso o nosso amigo e director sportivo José da Costa Braga, distincto *sportman*, conhecedor como poucos do *métier*, portanto, competentissimo para o levar a effeito.

Character honradissimo, d'uma honestidade e seriedade impeccaveis, julgamos que não poderiamos ter escolhido melhor, porque as suas criticas e escriptos hão-de fatalmente obedecer á imparcialidade e justiça.

Costa Braga, montando a sua bicycleta *Velo*, propoz-se acompanhar o *raid* durante o seu percurso, ou sejam, 35 dias de viagem, nos quaes terá a mesma quantidade de *etapes*, em numero de vinte e sete.

Partiu no dia 16, como nosso correspondente especial, levando bagagem com o pezo de dez kilogrammas, e em cada numero do *«Azulejos»* irá fazendo aos nossos leitores a descripção promenorizada das *etapes* de Lisboa a Torres Vedras, Torres Vedras — Caldas da Rainha, Caldas da Rainha — Leiria.

Uma grande excursão em bicycleta

Por circumstancias alheias á minha vontade, fui obrigado a sahir ás 2 horas da tarde o que é absolutamente contrario aos meus principios de cyclista pratico.

Certamente d'aqui resultou o ser a primeira *étape* feita com sacrificio e indiferença, para mais em percurso tão conhecido.

A Torres Vedras pela Malveira encontra o cyclista tres desagradaveis parcelas de caminho pela sua aspera pendente: em Pinheiro de Loures, depois de Lousa e depois do Turcifal, a qual é de veras extensa.

Nada de notavel no percurso, nem ponto de vista que nos prenda ainda que momentaneamente um olhar complacente de attenção.

Talvez Ponte de Lousa quando não em periodo de estiagem, e nada mais. A entrada em Torres, que, em tempos, me lembro de fazer por cima não sei de que barrancos, está soffrivel á vista do que foi.

Para estas extraordinarias excursões torna-se absolutamente necessario um methodo estudado e devidamente applicado.

A hora da sahida, a hora das refeições, a hora do descanço devem ser de todo o ponto respeitadas.

Jantei ás 11 horas da noute em resultado do que não «preguei olho» e ás 5 da madrugada estava a caminho para me pôr em dia.

Com todo o vagar e arrancando com os meus 10 kilos de bagagem cheguei ás Caldas ás 7,40^m.

Em grande parte do percurso me julguei montado n'uma charrua lavrando terra solta kilometros e kilometros. Maior esforço nas descidas do que em qualquer rasoavel horizontal!

De Torres Vedras mais de tres leguas de não muito aspera subida mas intransitavel para o cyclista. O horizonte em geral sem interesse até que nos surge a arrebatadora Obidos.

Já de longe nos commove com a interessante silhouete do desmantelado e robusto castello, mas, de perto, sobe de ponto o encantamento quando, de subito, nos despenhamos d'alto sobre aquelle poetico e espraído valle.

O aqueducto, a egreja immergindo do extenso plaino, a collina enrami-

lhetando a verdura com a casaria e como que empunhando e soerguendo as negras muralhas culminantes.

É o ponto da minha paixão n'este trajecto para as Caldas; pittoresco e nobremente bello.

Após, mais uma legua que é melhor esquecer, e estamos na amiga e sympathica Caldas da Rainha, cujo acolhimento é sempre cavalheiresco.

Acompanho o *«Raid Hippico»* e sinceramente me commoveu e excitantemente me interessou tanto enthusiasmo e carinho pelos que chegam.

Anticipo-me sempre aos primeiros pois é intoleravel o acompanhar o passo do cavallo sempre variando do chouto ao galope, do trote ao passo, enquanto que a minha *«Velo»* conduzida por mão amiga apenas nas descidas cambia de andamento, deslisando fóra d'isso com a maxima regularidade sem pressa nas *reclous* nem excessivo vagar nas subidas. Almocei com bella disposição, janto, e, pelas quatro horas, já mais pela fresca, emprehenderei o trajecto até Alcobça onde projecto ficar.

Leiria, 18-9-907.

J. DA COSTA BRAGA



Noticias de Sport

Corrida d'automoveis

Dizem os jornaes que torna a pensar se na realisacao d'uma corrida de automoveis, n'um percurso não inferior a noventa kilometros.

Nada podemos dizer officialmente, mas, o que garantimos, é que o nosso director automobilista está encarregado da organisação d'uma corrida, que o *«Azulejos»* pensa realizar ainda este anno.

Aqui fica o almiré, quanto ao percurso e mais condições a seu tempo fallaremos.

Velocipedia

N'um domingo de outubro proximo vão realizar-se umas provas velocipedicas em estrada, que se destinam unica e exclusivamente a cyclistas do nosso exercito.

A *União Velocipedica Portuguesa* foi encarregada pelo senhor ministro da guerra da parte tecnica, para o que conferenciou hontem com o secretario d'aquella associação, sr. Duarte Rodrigues, um enviado do ministerio da guerra.

Luciano Pinto no Pará

Este nosso conhecido cyclista ganhou no dia 1 de Setembro, correndo no velodromo paraense, a corrida internacional sobre Neira e Rocha (brasileiro)

Grandes regatas em Cascaes

Eis as canoas inscriptas para as grandes regatas do dia 29:

1.^a classe—20 de Janeiro, proprietario o sr. Ignacio José, mestre Manuel Senna; *Flôr de Setubal*, proprietario o sr. Marques Viegas, mestre José Augusto Paiva; *Leonor 3.^a*, proprietario o sr. João Gonçalves, mestre Ricardo Gomes; *Leonor 4.^a*, proprietario o sr. João Gonçalves, mestre José Jooquim da Luiza; *Leonor 5.^a*, proprietario o sr. João Gonçalves, mestre Raphael Soares; *Nova Julia d'Almeida*, proprietario o sr. Joaquim J. d'Almeida, mestre João Aniceta; *Julia Bonita*, proprietario o sr. Joaquim J. d'Almeida, mestre Faustino de Sousa; *Adelina Côra*, proprietario o sr. Joaquim J. d'Almeida, mestre José Antonio; *Dinorah*, proprietarios os srs: J. J. d'Almeida e Ignacio José, mestre Jacintho Vidal; *Bonita União*, proprietario o sr. Joaquim Joaquim J. d'Almeida, mestre Francisco Madeira; *Venturosa*, proprietario e mestre o sr. Manuel Paulino.

2.^a classe—*Emilia 1.^a Restauradora*, proprietario o sr. Antonio Marques da Silva, mestre João Sardo; *Dois Garotos*, proprietario o sr. Joaquim Almeida, mestre José Cachemé; *Andrelina*, proprietario o sr. Ignacio José, mestre Francisco Gago; *Julia*, proprietarios os sr. Joaquim J. d'Almeida e J. Reguinga, mestre João Reguinga; *Africana*, proprietario o sr. João Agostinho, mestre Manuel Agostinho; *Leonor 1.^a*, proprietario o sr. João Gonçalves, mestre José Lopes; *Rosario Maria*, proprietario o sr. Antonio Martins Farinheira, mestre Manuel Brito; *Leonor 2.^a* proprietarios os sr. João Gonçalves e Antonio Salvaterra, mestre Primo Salvaterra.

Regatas d'Algés

Na passada 5.^a feira, fez-se no Pedroucos Club a entrega dos premios ganhos pelos vencedores, no domingo passado.

Reinou grande enthusiasmo, havendo em seguida um baile em sua honra.



Epigramma

Aqui jaz um bom policia,
Coberto por vis entulhos;
Foi policia sete dias
E fez vinte e um barulhos,

LAMPARINA.

Semana Alegre

Uma creada:

— Os patrões são tão unhas de fome que até as meninas para pouparem tocam as duas no piano ao mesmo tempo.

Em um exame de portuguez.

O examinador:
— Pedro matou Antonio. Onde está o sujeito?
O examinando:
— Provavelmente na cadeia.

Confusão... á ingleza

A casa d'uma familia muito conhecida em Lisboa, e que se compunha de marido, mulher e tres filhas muito interessantes, ia muitas vezes um inglez dos seus 40

annos que, n'uma viagem pela Europa, travára relações com o dono da casa.

O inglez que gostava muito da nossa terra, onde residia a maior parte do tempo, era um *touriste*, como poucos, e havia percorrido, quasi, o mundo inteiro, tendo visitado o que ha de mais notavel e curioso na Europa, na Asia, na Africa, na America e até na Oceania.

Quando estava disposto era delicioso ouvi-lo descrever monumentos, pontos de vista, cidades, museus, etc., etc.

Uma noite, que foi passar a casa da familia de que fallamos, o inglez, sir John W... estava um pouco macambuzo e respondia, apenas com monosyllabos, ás perguntas que lhe dirigiam. As tres irmãs não se conformavam com esta situação de espirito da sua visita e começaram com a vivacidade que todas tinham, a querer distrahi-lo.

Uma d'ellas, mais ladina, deprecis de varias tentativas para animar a conversação exclamou:

— Sir John, está hoje muito triste. Tem alguma cousa que lhe dê cuidado, está doente?

— *Ó não ter cuidado, estar bem de saude.*

— Mas não costuma ser tão pouco expansivo; tem por força alguma cousa.

— *Não ter cousas; é de fazer muito calor.*

— Olhe, sir John, conte alguma d'aquellas historias que o sr. diz tão bem.

— *Historias?! Que é historias?*

— A descripção do que tem visto e admirado, o senhor que tem percorrido o mundo inteiro.

— *Ó, isso é que é historias? Estar escripto em muitos livros. Compra um e estar lá muita cousa.*

Como visse que naça conseguia por este modo procurou outro caminho e disse-lhe:

— Diga-me, sir John, gosta de advinhações?

Estava então muito em moda este innocente passatempo.

— *Advinhação?! Ó não sabe que é advinhação.*

— Sabe, sim senhor, E' por exemplo, dizer o que é: «Redondinho, redondinho, como a pedra do moinho.»

— *Redondinha, como pedra de moinha? Isto é que se chama advinhação? Ó não sabe nada de advinhação.*

— Então não vê logo que é um queijo?

— *Um queijo, d'este que se come como o londrina? Ó não é redondinha este, como moinha. Isto é que é fazer advinhação? Vai fazer uma mais bonita.*

— Vamos lá ouvir, sir John.

— *Olha, é um animal muito bem feita; ha em todas os capoeiras, tem pennas muito bonitas, como senhoras usam nos chapéus; dois pés com uns unhas muito grandes, uma crista muito vermelha e falla muito clara!*

— Parece que é um gallo, sir John, mas...

— *Ó sim, é um galla, um galla muito bonita.*

— Mas os gallos não fallam, sir John.

— *Ó bem sabe, mas está mettido para fazer uma grande confusão.*

Calculem os nossos leitores a hilaridade a que deu origem esta resposta do inglez.

SEMANA A LAPIS



— Uf! Que calor! Que estação é esta?

— Meção Frio!...

Dois noivos «globe-troters»

Dizem os jornaes d'Italia:

Chegaram no sabbado a Turim o visconde e a viscondessa Raoul Guard, que depois de matrimoniados em Gruiard, fazem uma Viagem original de noivos.

Os viscondes partiram para Paris a 17 de abril de 1896. Percorreram 66:000 kilometros e atravessaram Inglaterra, Noruega, Suissa, Siberia, Turquia, America do Sul, Estados Unidos, Hespanha e Italia, fazendo jornadas de 50 kilometros em media.

Esperam regressar ao ponto da partida em outubro proximo. Contam uma infinidade de accidentes perigosos, entre elles a furiosa acometida, na Siberia, de um urso que os surpreendeu enquanto dormiam, e que a viscondessa matou.

EXPEDIENTE

No proximo numero publicaremos.

Um artigo sobre DACTYLOSCOPIA (Identificação pelas dedadas), processo obrigatorio em todo o paiz para reconhecimento de criminosos.

Aos nossos estimaveis annunciante pedimos desculpa, mas somos forçados a retirar alguns dos seus annunciios em virtude de nos faltar o espaço.

Não quizemos publicar-lh'os em folha solta, porque facilmente se perderia prejudicando os seus interesses

Saem no proximo numero. em dupla capa.

VARIADADES

Bifes tenros

Depois de bem lavada a carne, pegue n'uma das extremidades do pedaço destinado aos bifes e raspe sempre com uma faca, até ter saído toda a polpa carnosa, ficando somente na mão da cozinheira o tecido aponevrotico.

Assim obtida pela raspagem esta massa de carne, tempere com alho, sal e alguma pimenta e misture tudo muito bem, afim de que o tempero fique espalhado uniformemente.

Reduza depois, por meio das mãos, á forma esphérica, para que as diferentes particulas adhiram entre si, espalmando-a, em seguida, com a faca, de modo a dar-lhe o feição d'um bife.

Leve á grelha ou frigideira e sirva com rodelas de limão.

Pão de ló de Coimbra

Ovos, 7; assucar 250 gr; farinha de trigo fina, 150 gr; sal fino. q. b; manteiga para untar a fôrma, q. b.

Partem-se os ovos, separando cuidadosamente as gêmmas das claras.

As gêmmas junta-se um pouco de sal fino e o assucar e batem-se depois muito bem. As claras batem-se em castello e depois juntam-se ás gêmmas, deitando n'essa occasião a farinha, continuando a bater muito bem e deitando a massa em fôrma bem untada com manteiga, na qual vae logo para o forno, cujo calor deve ser moderado.

POSTA RESTANTE

N'esta secção daremos conta da correspondencia recebida e, os nossos estimaveis collaboradores, ficarão sabendo que devem esperar para os originaes que nos tiverem enviado.

Julio de R. ... — Recebemos e agradecemos os seus versos, mas não lhes podemos dar publicidade porque estão... erraditos e, a idéa de ver Londres a arder... é demasiadamente tetrica.

Faça melhor e cá estamos ás suas ordens.

Aenarepse — Pode mandar o que quiser, mas cuidado com o tempero. Se lór a mais ou a menos... vae para o limbo; isto quanto aos versos. As charadas daremos publicidade a todas que o merecerem.

?



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

Afim de tornar mais interessante e proveitosa esta secção, resolvemos offerer, no final da 1.ª Serie dos *Azulejos*, um valioso brinde ao decifrador de todas as charadas e enygmas publicados.

Para que haja direito ao brinde é condição essencial que os decifradores nos enviem, até á terça-feira seguinte á respectiva publicação, a pagina d'esta secção com as decifrações claramente escriptas nos rectangulos collocados na parte inferior de cada inygma ou charada, bem

como a indicação, bem legivel, do nome e morada.

Cada folha terá o seu numero de ordem e o decifrador receberá em troca uma senha com equal numero, que entrará em sorteio, no caso de haver mais d'um concorrente.

Para as que nos forem enviadas pelo correio, em vez de senha, publicaremos no jornal seguinte o respectivo numero d'ordem, o nome e morada do remetente.

Logogripho

Dedicado aos illustres directores dos «Azulejos»

D'esta estreia tão famosa
Aproveitando o ensejo, — 4, 3, 7.
Manifesto o meu desejo
Que ella seja auspiciosa,

Que haja muita assignatura,
Aos milhares os leitores,
E em volta dos directores
Chovam louros com fartura.

Direito tendes, de certo, — 6, 3, 8.
Dentro em breve a prosperar,
Nada de desanimar,
Que a fortuna já vem perto.

Sou pobre, só posso dar,
P'ra o dia da vossa festa, —
De tudo quanto me resta,
Um simples peixe do mar, — 6, 3, 4, 1.

Tenho de sobra motivo, — 1, 2, 7.
P'ra côr do meu presente,
Mas ninguém, mais do que eu, sente
Ser pobre em dia festivo.

Ides achar de repente
A facil decifração,
Pois, se a não tendes na mão,
Ha-de estar mesmo na frente.

E' coisa antiga, decerto,
Mas só hoje é que nasceu,
E o trabalho que vos deu
Não foi por não estar bem perto.

J. L. P. F.

Augmentativa

Não poupes o homem — 2

REI DE SÃO.

Sonicas

Esta mulher é medida — 2

Esta mistura é medida — 1

CLAUDIO FIGURAS

Typographicos

Jogo

X

REI DE SÃO

LI

GU

J. L.

Em quadro

... — cerimonia
... — flôr
... — parentes
... — serra

REI DE SÃO.

Novissima

A accusada, apesar de honrada, é condemnada — 1, 2

J. L.

Reduzida

Irmão — 3
— fra —
Titular — 2

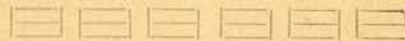
REI DE SÃO.

Em phrase

Na serra é uma dança p'ra beber — 2 — 2

REI DE SÃO.

Enygmas (de palitos)



Tirando 9 palitos, fica um animal

REI DE SÃO

Metamorphose

E' saboroso o apellido — 3 (s.l.)

REI DE SÃO

Grandes Armazens do Globo Vermelho

DE

José Augusto Ventura

Especialidade em tecidos lisos e de phantasia em lã e algodão para vestidos. Sedas, Mantilhas, Espartilhos, Sombrinhas, Leques, Lençaria de seda e de lã, Chales, Meias e Piugas em seda e algodão, Malhas, Cobertores e diversos artigos de abafo, em phantasia e liso. Zephiros e Panamás.
Camisas, Ceroulas, Punhos e Collarinhos. Sobretudos, Varinos e Capas á cavallaria.

Secções de Mercador, Alfayateria, Camisaria, Fanqueiro, Modas e Confeccoes.
Secção especial de artigos para luto.

Fornecedores da Caixa de Soccorros dos Empregados da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

ALFAYATERIA DO GLOBO VERMELHO

Rua dos Fanqueiros, 209 a 213

LISBOA

SALÃO BRAZILEIRO

ALFAYATERIA

Alberto d'Oliveira & Almeida

TELEPHONE 1361

Fazendas nacionaes e estrangeiras

O MELHOR SALÃO D'ALFAYATERIA

Preços excepcionaes — Brevidade e excellente acabamento

Direcção Technica a cargo d'um habil e conhecido contramestre

Executam-se todas as obras respeitantes a este atelier

RUA AUGUSTA, 270, 1.º

(1.º Quarteirão do lado esquerdo, vindo do Rocio)

Papeis de credito, cambios e loterias

VIERLING & C.ª LIMITADA

Endereço telegraphico: STERLING

NUMERO TELEPHONICO 611

41, Rua do Arsenal, 46

1, Esquina do Largo do Pelourinho, 3

LISBOA

JANUARIO & MOURÃO

Ourivesaria e Joalharia

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

Compra e vende joias com brilhantes, antiguidades, pratas, barras d'ouro e moedas d'ouro e prata.

GRAVURA E FABRICA DE CARIMBOS

Chapas em metal e ferro esmaltado para escriptorios, bancos, etc.

Numeradores, datadores, sellos, timbragens, relevo a cores, cancellas, lacres, copigraphos, tintas, lithetes de visita e **Anéis-Sinetas** em aço, ouro e com pedra e suas gravuras.

CASA DOS BONS ARTIGOS

Adelino Lopes Pedroso

108, R. de S. Julião, 108 — LISBOA

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES

QUASI DE GRAÇA

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

38, RUA DA PALMA, 38

Pedro Carlos Dias de Sousa



EXPOSIÇÃO
DE
LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brindes

GATO PRETO

Rua de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)

BRASSERIE UNIVERSELLE

DE

João Manuel Rodrigues

14, R. de S. Julião (ao cantinho)

ALMOÇOS E LUNCHS

Cosinha esmerada

Cervejas de todas as qualidades

LICORES E VINHOS FINOS

PREÇOS CONVIDATIVOS

GRANDE DEPOSITO

DE

MOVEIS DE FERRO

COLCHOARIA

DE

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

LETTA DE

Bento Manhua

FADO

MUSICA DE

Alfredo Manhua

PIANO.

Allg.º non troppo molto legato

molto sentimental

a tempo ma un poco meno quasi lento

rit. un poco

molto legato

meno

rall.

a tempo

rall.

a tempo

rall. e dim.

morendo ppp

Fin

GLOSAS: Aos quatro ventos eu prégo
 Ao fi-lar o Deus do Amor,
 Que fez errado labor
 Quem pintou o amor cego! } bis
 Capricho foi?... Não o nego;
 Porem força é confessor
 Que ou não soube o que era amar
 Quem produziu tal desenho,
 Ou por carencia d'engenho. } bis
 Não no soube bem pintar! } bis

Um peito não se conquista
 Sem trocas d'oltar haver
 E de ha muito oigo dizer
 O amor nasce da vista! } bis
 Se uma alma de outra alma dista,
 Embora em sonhos a par,
 Não se podendo notar
 Como haver do Amor a palma?
 Sendo os olhos 'spelhos d'alma
 Quem não vê não pode amar. } bis

Bento Manhua

NO PROXIMO NUMERO:
TRAQUINA—Polka do Dr. FERNANDO PADUA